

LINGUAGEM E ONTOLOGIA: SOBRE A “ESTRUTURA DO MUNDO” NO *TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS*

LANGUAGE AND ONTOLOGY:
ON THE “WORLD’S STRUCTURE” IN THE
TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS

Juliano Santos do Carmo*

RESUMO: Investigar criteriosamente a estrutura do mundo é de extrema importância quando se quer estabelecer limites para o que se pode dizer significativamente acerca dele. Em consonância com este objetivo, torna-se evidente que qualquer investigação de cunho filosófico que tenha por base a linguagem e o que ela pode representar da realidade, não pode esquivar-se de uma análise crítica das bases segundo as quais a linguagem encontra-se alicerçada. Ciente disso, Wittgenstein estabelece já no início de seu *Tractatus Logico-Philosophicus* o que entende por mundo e, somente depois disso, apresenta sua argumentação sobre nosso modo de representá-lo enunciativamente. Procurarei mostrar neste artigo alguns elementos importantes envolvidos na articulação entre linguagem e realidade, em especial a relação entre lógica e mundo.

Palavras-chave: Wittgenstein. Realidade. Linguagem. Lógica.

ABSTRACT: Researching the world’s structure in a judicious way is of extreme importance when wishing to establish limits to what one may say about the world in a significant way. Accordingly to this goal, it becomes evident that any research in a philosophical perspective, whose basis is the language and what it can represent about the reality, cannot dodge out of the critical analyses about the basis in which the language itself has its foundation. Aware of this all, Wittgenstein establishes in the beginning of his *Tractatus Logico-Philosophicus* what he understands by “world” and, only after this, he presents his argumentation about our way of representing it by language. I tried to show up in this article some important elements involved in the articulation between language and reality, specially the relation between logic and world.

Key Words: Wittgenstein. Reality. Language, Logic.

Os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo. (Tractatus Logico-Philosophicus § 5.6)

A relação entre linguagem e mundo é um tema importante na obra de Wittgenstein como um todo, em especial a questão da natureza da realidade e da forma através da qual ela se faz inteligível. Inúmeros sistemas filosóficos buscaram demonstrar, ao longo do tempo, que a estrutura essencial da realidade (ou do mundo) estaria necessariamente ancorada em entidades abstratas, em construções geométricas, em conceitos abstratos, ou ainda em objetos

* Mestrando em Filosofia-PUCRS/Capes. Contato: juliano.ufrgs@yahoo.com.br.

da experiência imediata. O modo como Wittgenstein articula a estrutura da realidade no *Tractatus Logico-Philosophicus* possui peculiaridades importantes para a concepção de linguagem apresentada nesta obra e, exatamente por isso, na tentativa de esclarecer as bases sob as quais a linguagem está enraizada, este é o tema deste artigo.

Sabe-se que a epistemologia possui um papel secundário ou pelo menos reduzido no *Tractatus*, o que foi uma grande novidade em relação aos demais sistemas filosóficos apresentados até então¹. Enquanto os demais filósofos preocupavam-se com o nosso modo de conhecimento da realidade e tratavam a questão do significado lingüístico como essencialmente ligado à verdade das proposições, Wittgenstein deslocou o eixo da investigação filosófica ao reduzir drasticamente o papel da verdade como determinante do sentido das expressões. Aquilo que parecia ser uma condição de verdade das proposições é, para o autor do *Tractatus*, uma condição de sentido.

A guinada lingüística inaugurada por Wittgenstein marca a recusa do empirismo tradicional e indica o caráter desnecessário das questões epistemológicas para a filosofia. Alguns filósofos procuravam responder questões acerca de “quais coisas existem” tratando-as como equivalentes a: “quais coisas que podemos conhecer existem” (como é o caso de Russell, por exemplo). Contrariando esta tradição, Wittgenstein considerou essas questões como enredamentos psicológicos irrelevantes, salientando que a pureza cristalina da lógica evitaria este tipo de confusão. Argumentou, ainda, que questões importantes para a epistemologia moderna, tais como os processos mentais, as crenças e os pensamentos, eram, na melhor das hipóteses, investigações psicológicas desnecessárias para a filosofia.

A psicologia não é mais aparentada com a filosofia que qualquer outra ciência natural. A teoria do conhecimento é a filosofia da psicologia. Meu estudo da linguagem por sinais não corresponderia ao estudo dos processos de pensar, estudo que os filósofos sustentaram ser tão essencial para a filosofia da lógica? No mais das vezes, eles só emaranham-se em investigações psicológicas irrelevantes, e um perigo análogo existe também no caso de meu método².

¹ Incluo aqui não somente os sistemas filosóficos que privilegiavam de algum modo a epistemologia, mas todos os sistemas filosóficos que precederam a publicação do *Tractatus Logico-Philosophicus* em 1921. Pois, segundo Wittgenstein, o livro trata dos problemas filosóficos e mostra que todos eles são oriundos de uma má compreensão da lógica de nossa linguagem, razão pela qual ele desqualifica toda a tradição que o precede.

² WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3.ed. São Paulo: EDUSP, 2001. § 4.1121. Doravante o *Tractatus Logico-Philosophicus* será citado apenas pela sigla TLP, seguindo a edição e tradução supracitada.

Além disso, as idéias de que *conhecimento* é o conhecimento de estados mentais, (processos mentais), e que *descrições* são genuinamente descrições de experiências privadas, ou de imagens mentais, são insistentemente rejeitadas por Wittgenstein. E isso por dois motivos: as teses de cunho fenomenológico envolvem um massivo material psicológico entre linguagem e mundo, o que impede de ver claramente que a linguagem representa *diretamente* a realidade; e, em segundo lugar, a identificação do critério de sentido com experiências mentais privadas gera uma série de confusões acerca da natureza e do uso da linguagem.

A relação entre lógica e filosofia no *Tractatus* parece ser apresentada de modo a garantir a confluência de duas tradições importantes na história da filosofia, a saber, a tradição *crítica* e a tradição *lógica*.

O *Tractatus* articula organicamente essas duas vertentes, revitalizando-as e, com elas, um grande número das questões filosóficas mais fundamentais. Nessa medida, revela-se um dos pontos máximos de inflexão no curso do pensamento filosófico moderno e contemporâneo³.

Muito embora a tradição crítica⁴ seja constantemente caracterizada como contrária ao tema das relações entre linguagem, pensamento e realidade, (mais por uma questão de método e de natureza de resposta exigida por questões que envolvam estes conceitos do que propriamente pela natureza das questões mesmas) é com singular destreza que Wittgenstein *organiza* os objetos de investigação da tradição crítica tais como: o essencial, o necessário, o absoluto, o incondicionado, a totalidade etc.; por um lado, e, por outro, os objetos da investigação empírica (ciência natural) como o aparente, o casual, o contingente, o relativo, o condicionado, o incompleto.

O grande lampejo de Wittgenstein no *Tractatus* consiste em mostrar que todas as questões formuladas a partir destes conceitos (e, em verdade, todas as questões filosóficas) repousam sobre o mau entendimento da lógica de nossa linguagem. Mostra com isso que a pretensão filosófica peca por ultrapassar os limites de seu domínio ao tentar discursar acerca dos problemas científicos. Ao fazer isso Wittgenstein aproxima-se da tradição lógica⁵, pois

³ SANTOS, Luiz Henrique Lopes. A essência da proposição e a essência do mundo. Apud WITTGENSTEIN, L. TLP, Introdução, p. 13.

⁴ A tradição crítica que menciono aqui diz respeito àquelas doutrinas filosóficas que de algum modo buscaram responder a questão: 'o que legitimamente podemos pretender conhecer?'. Nela se inclui, portanto, desde filósofos da antiguidade, tais como os sofistas e os céticos, e até mesmo filósofos modernos, tais como Kant e Hume.

⁵ Entendo aqui por "tradição lógica" o conjunto de doutrinas que buscaram de algum modo refletir logicamente a respeito da natureza das proposições. Este movimento é inaugurado por Frege em 1879, com a publicação de

passa a situar o tema da reflexão filosófica na estrutura essencial do discurso sobre as condições essenciais de toda a representação enunciativa da realidade.

A primazia da lógica em relação à realidade parece ser uma conseqüência da rígida distinção entre os domínios empírico (ou contingente) e lógico (ou necessário) que Wittgenstein estabelece no *Tractatus*. Grande parte de seus argumentos em favor desta distinção consiste em demonstrar que as proposições da lógica não podem ser confirmadas pela experiência, do mesmo modo que não podem ser refutadas por ela.

Isso se torna evidente quando se analisa uma proposição com a seguinte estrutura: ‘Todos os homens são mortais’. A verdade de uma proposição como esta depende em alguma medida da realidade, ou seja, atesto sua verdade em função de nossa percepção acerca do mundo, pois percebo que homens morrem todos os dias, e que não conheço nenhum homem que viva eternamente, desse modo, ao que tudo indica, sou coagido *externamente* a crer que todos os homens de quem ouvi falar ou tenha obtido contato morrerão um dia. No entanto, não parece ocorrer o mesmo no caso de uma proposição com a seguinte estrutura: ‘Todos os homens não-casados são solteiros’. É evidente que esta proposição é verdadeira porque cada homem do mundo não-casado é solteiro? Atesto a verdade desta proposição após constatar empiricamente que cada homem não-casado é em verdade solteiro? O que parece ocorrer aqui é que a certeza de que todos os homens não-casados são em verdade solteiros não depende do peso da evidência empírica, pois eu não estaria convicto de sua verdade mesmo depois de constatar uma centena de casos onde não-casados são solteiros. Segundo as teses do *Tractatus*, há uma relação necessária ou interna entre ser não-casado e ser solteiro. O que quero explicitar aqui é que uma relação externa é meramente accidental, assim como o é ser brasileiro e ser branco, por exemplo. Mesmo que fosse verdadeiro em todos os casos que todos os brasileiros sejam brancos, ainda assim, seria algo puramente accidental, pois “ser branco” não seria uma propriedade interna de “ser brasileiro”. A verdade dependeria da evidência empírica e não poderíamos determiná-la com a anterioridade que a lógica oferece.

Esta primazia da lógica em relação ao mundo diz respeito ao fato de a lógica não estar em relação com o mundo empírico. A verdade lógica não depende do que ocorre no mundo, talvez assim se esclareça a razão pela qual “a lógica deve cuidar de si mesma”⁶. A lógica não

“*Conceitografia*”, e seguido por Russell e dezenas de outros filósofos do que ficou conhecido como “Círculo de Viena”.

⁶ TLP § 5.473.

representa objetos empíricos ou não-empíricos, e, em verdade, a lógica não diz nem faz enunciados acerca de nada em absoluto.

As proposições lógicas descrevem a armação do mundo, ou melhor, representam-na. Não “tratam” de nada. Pressupõem que nomes tenham significado e proposições elementares tenham sentido: essa é a sua ligação com o mundo. É claro que algo sobre o mundo deve ser denunciado por serem tautologias certas ligações de símbolos – que têm essencialmente um caráter determinado. É isso que é decisivo. Dissemos que muito nos símbolos que usamos seria arbitrário, muito não seria. Na lógica, só o que não é arbitrário exprime: isso quer dizer, porém, que na lógica nós não exprimimos, com a ajuda dos sinais, o que queremos, mas o que enuncia na lógica é a própria natureza dos sinais necessários por natureza: se conhecemos a sintaxe lógica de uma notação qualquer, já estão dadas então todas as proposições da lógica⁷.

As constantes lógicas nada substituem, por isso não são representativas. Mas é um equívoco pensar que por isso a lógica não apresente nada acerca do mundo, pois ela o faz de um modo bastante peculiar: ela *mostra* algo acerca dele mesmo que nada *diga* sobre ele. A fundamental diferença da lógica e das outras ciências é justamente esta: todas as demais ciências *dizem* algo acerca do mundo, enquanto a lógica apenas *mostra*⁸.

Considere o seguinte enunciado: ‘Chove’. Esta é uma proposição que diz algo sobre o modo como as coisas estão dispostas (ou organizadas) na realidade porque tem uma estrutura lógica, porque tem sentido; e mais do que isso: mostra seu sentido na capacidade que possui de captar o que diz acerca do mundo, não, porém, no que diz a respeito de seu sentido. A lógica não é aquilo de que falam os enunciados, mas é aquilo que os torna hábeis a falar algo acerca do mundo. A lógica não representa nada, mas é o que torna possível a representação. A lógica, portanto, não pertence ao domínio do que pode ser *dito*, mas, sim, ao domínio do que é *mostrado*.

⁷ TLP § 6.124.

⁸ A diferença entre dizer e mostrar é algo que perpassa o *Tractatus*. De um modo peculiar tudo aquilo que pode ser dito significativamente (através de proposições com sentido), somente é possível através de uma concepção excessivamente restrita de linguagem, a saber, a linguagem descritiva. Tudo o que pode ser descrito verdadeira ou falsamente da realidade, ou seja, tudo o que é possível na realidade (dentro das possibilidades combinatórias do espaço lógico) pode ser dito significativamente. Em outras palavras, tudo o que é passível de representação pode ser dito com sentido. Por outro lado, todas as proposições que procuram expressar a forma lógica comum às proposições e aquilo que afiguram; que buscam expressar o significado dos signos e o sentido das proposições; que buscam expressar as relações lógicas entre proposições; a estrutura do pensamento e o mundo; que buscam expressar o valor no mundo, são em verdade pseudo-proposições, pois nada dizem significativamente, uma vez que querem dizer algo que em si não poderia ser dito de outro modo. A ciência produz enunciados factuais: afigura combinações de objetos que podem ser verificadas ou falsificadas na realidade. Todas as proposições que afiguram algo na realidade dependem em alguma medida do modo como as coisas estão organizadas nela.

Contudo, existem razões para crer que há uma conexão entre a lógica e os fatos⁹ (*Tatsache*), pois, segundo Wittgenstein, embora a lógica não determine o que é o caso, são os fatos no *espaço lógico* que constituem o ‘mundo’¹⁰. Daí as seguintes afirmações:

O mundo é tudo o que é o caso¹¹.
 O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas¹².
 Os fatos no espaço lógico são o mundo¹³.

“Espaço lógico” e “fatos” são conceitos fundamentais aqui, pois representam os alicerces da realidade tal como Wittgenstein a concebe. De certo modo, entender o que é o espaço lógico é entender também o porquê do mundo ser constituído pela totalidade dos fatos e não das coisas. Tudo o que ocorre na realidade é contingente, no mundo não existe nenhuma relação necessária. Considere as seguintes proposições: “*x* é alto” e “*y* é baixo”. Supondo que estas proposições representam estados de coisas e supondo que estados de coisas se mantêm no mundo, torna-se fácil perceber que os atributos de *x* e *y* são meramente acidentais, uma vez que *x* poderia ser baixo e *y* alto. Isto quer significar que os estados de coisas são complexos, pois posso sempre imaginá-los em combinações diferentes do que aquelas que me aparecem efetivamente. Porém, na lógica nada é acidental, se uma coisa pode ocorrer em um estado de coisas (*Sachverhalt*), então a possibilidade do estado de coisas deve pertencer à coisa mesma. Funciona assim: é como se *x* possuísse todas as possibilidades compatíveis a ele (dado pelo espaço lógico de combinações). Desse modo, propriedades tais como altura, peso, etc., são compatíveis somente a determinadas coisas, e se *x* possui a propriedade de ser alto é por que

⁹ A existência de estados de coisas pode ser caracterizada como “fatos positivos” e a não-existência de estados de coisas como “fatos negativos”. A classe de fatos negativos evita a simples equação de fatos com a existência de estados de coisas, embora seja claro que Wittgenstein frequentemente escreva “fatos” enquanto ele estritamente queria dizer “fatos positivos” ou estados de coisas efetivos. Cabe notar, no entanto, que fatos não são descrições verbais de estados de coisas, mas, antes, são formados por elas. Eles não descrevem a realidade: eles são os componentes dela.

¹⁰ Uma das principais dificuldades na interpretação da ontologia do *Tractatus* consiste na aparente inconsistência da terminologia utilizada ali por Wittgenstein. Com efeito, em 2.04 ele diz que a totalidade da existência de estados de coisas é o mundo; já em 2.06 ele diz que a existência e a não existência de estados de coisas é a realidade; e, curiosamente, em 2.063 ele diz: “A realidade total é o mundo”. Desse modo, em 2.04 o mundo é identificado com a existência de estados de coisas; em 2.06 a realidade é identificada com a existência e a não existência de estados de coisas; e, finalmente, em 2.063 o mundo parece ser identificado com a realidade. Assim, a existência de estados de coisas parece ser identificada com a existência e a não existência de estados de coisas. Para uma discussão mais detalhada sobre este ponto ver FOGELIN, R. J., “The Atomistic Ontology of the *Tractatus*”. In: *Wittgenstein*. New York: Routledge, 2004.

¹¹ TLP § 1.

¹² TLP § 1.1.

¹³ TLP § 1.13.

possui também a possibilidade de ser baixo. Assim, existe um âmbito de estados de coisas determinado pelo espaço lógico no qual x e y se encaixam.

Se a lógica não trata da contingência, então saber quais estados de coisas são *efetivos* e quais não são, não é algo que a lógica possa responder. No entanto, saber quais estados de coisas são *possíveis* sim é uma questão da lógica. Que x seja alto ou baixo é uma questão de fato, porém é uma questão da lógica que x possa ser alto ou baixo.

Dizer que o mundo é a totalidade dos fatos e não das coisas significa dizer que Wittgenstein não descarta o encaixe das coisas entre si, ou ainda, que leva em conta todas as possibilidades combinatórias das coisas. Desse modo, as coisas só existem na medida em que estão relacionadas com outras coisas, e toda relação efetiva de coisas é aquilo que o filósofo chama de “fatos”. Todas as possibilidades de combinação de uma coisa é algo que está já pré-determinado na própria coisa, está implícito na natureza da própria coisa. É por esta razão que o mundo é a totalidade dos fatos e não das coisas, e, exatamente por isso, o mundo é muito maior do que as coisas físicas nele existentes.

Os objetos do mundo são representáveis na linguagem na exata medida em que as possibilidades lógicas de combinação são mostradas. Um dos principais obstáculos na interpretação da natureza dos objetos da experiência imediata no *Tractatus* reside no fato de que o próprio Wittgenstein não os tratou de modo explícito. Aparentemente, tudo o que ele diz acerca deles aparece de modo oblíquo, como se a natureza mesma dos objetos não pudesse ser definida.

Para Wittgenstein, objetos estão no domínio do que é dado (...), então possivelmente eles podem somente ser nomeados, mas não descritos ou definidos (...). Nós podemos dizer como os objetos estão combinados entre si para formar o mundo, porque todas as formas lógicas possíveis que determinam como os objetos estão combinados entre si para formar o mundo são também dadas com os objetos¹⁴.

É certo, no entanto, que os objetos simples nomeados nas proposições elementares são os responsáveis pela conexão entre a linguagem e a realidade e, assim, determinam proposições com sentidos específicos. Sem estes objetos simples não existiria a relação entre o nomeado e o nome (nome-objeto) e ficaríamos sem o critério de verificação de proposições sobre o mundo, já que essa relação é que oferece tal critério. Sem este critério as descrições não poderiam funcionar como uma *figuração* da realidade. É a correspondência de uma

¹⁴ PARK, Byong-Chul. *Phenomenological Aspects of Wittgenstein's Philosophy*. Kluwer Academic Publishers: Netherlands, 1998 (Tradução minha).

proposição com a realidade que determina sua verdade, e é a falta de correspondência o que determina sua falsidade. O sentido de uma figuração proposicional é a possibilidade de que as coisas na realidade estejam dispostas da mesma maneira como estão representadas na proposição, e os limites de sentido na linguagem são os limites das disposições possíveis das coisas. Então, aquilo que uma proposição representa é somente seu acordo ou desacordo com as possibilidades de existência ou de não-existência de estados de coisas. Pois, como Wittgenstein argumenta: “Se o mundo não tivesse substância, ter ou não sentido uma proposição dependeria de ser ou não verdadeira uma outra proposição”¹⁵, e, em seguida diz: “Seria então impossível traçar uma figuração do mundo (verdadeira ou falsa)”¹⁶.

Objetos simples (substâncias) e sentido estão entrelaçados como elos de uma corrente. Sem a substância não existiriam objetos; sem objetos não existiriam estados de coisas; sem estados de coisas uma proposição poderia não ter sentido, ou seja, poderia não apresentar como as coisas estão na realidade caso fosse verdadeira. Sem proposições com sentido a linguagem seria totalmente desprovida de sentido. Se a essência da linguagem é figurar o modo de como as coisas estão organizadas na realidade, então para que as proposições tenham sentido é necessário que tais figurações representem uma determinada estrutura.

Uma das idéias fundamentais de Wittgenstein no *Tractatus* é a de que a estrutura do mundo é espelhada na estrutura lógica da linguagem. O mundo e a linguagem possuem uma forma lógica comum, de tal modo que uma investigação acerca da estrutura das proposições na linguagem permitiria “ver” como as coisas (objetos) devem estar organizadas (estruturadas) na realidade. Este é o conteúdo ontológico da teoria da linguagem desenvolvida no *Tractatus*, onde Wittgenstein busca exibir a estrutura das proposições como “andaimos lógicos” (*logical scaffolding*) do mundo.

A hipótese de que a linguagem e o mundo possuem uma forma lógica comum exige que a substância do mundo seja formada por objetos que possam ser combinados em um número infinito de possibilidades, e que estes objetos em combinação formem estados de coisas que sejam logicamente simples (que não possam ser objeto de análise). Desse modo, os estados de coisas complexos constituem fatos que, por serem complexos, devem poder ser resolvidos através de uma análise lógica de seus estados de coisas mais simples (seus estados de coisas constituintes). Semelhantemente aos átomos da química, os átomos da linguagem são nomes que estão por objetos, ou, em outras palavras, os nomes simples substituem objetos

¹⁵ TLP § 2.0211.

¹⁶ TLP § 2.0212.

simples. Desse modo, proposições elementares ou, nesse caso, proposições atômicas, são constituídas de combinações imediatas de nomes absolutamente simples que representam estados de coisas. Tais proposições são associadas em proposições complexas através de conectivos ou constantes lógicas. As constantes lógicas, como eu já disse antes, não representam ou afiguram nenhum objeto no mundo, mas apenas funcionam como operadores lógicos no cálculo proposicional. Dadas as teses até aqui mencionadas, não seria absurdo supor que toda a linguagem significativa possa ser analisável em termos de proposições elementares vinculadas por constantes lógicas.

A ontologia do *Tractatus* não é resultado de uma investigação empírica ou de algum tipo de exame experimental do que é dado na realidade. Questões preliminares a respeito do que venha a ser a realidade são dissolvidas por Wittgenstein como ilegítimas, por que a linguagem utilizada para formular tais questões não leva em consideração o isomorfismo lógico entre linguagem e mundo. Não somente são questões desnecessárias como também são questões impossíveis de serem enunciadas com sentido.

A proposição pode representar toda a realidade, mas não pode representar o que deve ter em comum com a realidade para poder representá-la – a forma lógica. Para podermos representar a forma lógica, deveríamos poder-nos instalar, com a proposição, fora da lógica, quer dizer, fora do mundo¹⁷.

A proposição não pode representar a forma lógica, esta forma se espelha na proposição. O que se espelha na linguagem, esta não pode representar. O que *se* exprime na linguagem, *nós* não podemos exprimir por meio dela. A proposição mostra a forma lógica da realidade. Ela a exhibe¹⁸.

Como conseqüência deste modo de pensamento, não poderá existir linguagem ou meta-linguagem capaz de descrever a forma lógica da realidade, e isto por uma razão importante: a essência da descrição é que a representação seja por figuração e o que a figura representa não pode ser o sujeito de outras representações. Isto não nega, no entanto, a possibilidade de que diferentes figuras exibam diferentes perspectivas de um mesmo estado de coisas, mas a relação entre a figura e o estado de coisa não é figurável. Aparentemente isto oferece duas conseqüências: a primeira é que quando a filosofia descreve a relação entre a linguagem e o mundo ela erra efetivamente por não respeitar os fundamentos lógicos envolvidos nesta relação. A filosofia não deve, e não pode efetivamente, dizer algo a respeito da relação entre linguagem e mundo.

¹⁷ TLP § 4.12.

¹⁸ TLP § 4.121.

O segundo ponto é que se a linguagem está enraizada de algum modo na realidade, sem a presença de elementos intermediários entre as duas esferas, então a forma lógica das proposições mostra alguma coisa a respeito do mundo *a priori*¹⁹. Sendo assim, segue-se que a forma da realidade não é uma construção derivada da experiência (*a posteriori*), mas, sim, da lógica.

A experiência de que precisamos para entender a lógica não é a de que algo está assim e assim, mas a de que algo é: mas isso não é experiência.

A lógica é anterior a toda experiência – de que algo é assim. Ela é anterior ao como, não é anterior ao quê²⁰.

A experiência de que algo é, a qual é pressuposta pela lógica, não é um dado sensível (da experiência) nem uma construção lógica de tais experiências. A lógica é anterior aos estados de coisas efetivos do mundo, que são absolutamente contingentes, mas não é anterior ao fato de que o mundo é, o que é absolutamente necessário.

As proposições elementares nos apresentam alguma coisa a respeito da estrutura do mundo, mas isso independentemente da experiência e da aplicação da lógica. Claramente a ontologia do *Tractatus* não está sustentada pelos pilares da investigação tradicional em filosofia, ela exige uma teoria da estrutura lógica das proposições. É pensar o papel da filosofia como uma crítica da linguagem estando no mundo sem ser uma ciência natural.

As afirmações iniciais do *Tractatus* já denunciam uma caracterização do mundo como não interpretável a partir de teses epistemológicas. A preocupação do filósofo é com o que o mundo é, e não como ele é conhecido. Desse modo, parece fazer sentido agora o fato de que as coisas não determinam o que é o caso, pois coisas ou objetos são comuns para todos os mundos possíveis. A totalidade das coisas que são comuns a todos os mundos possíveis não pode ela mesma determinar como as coisas estão na realidade. O mundo real é composto de objetos em configurações que determinam as propriedades materiais do mundo, ou seja, o que é o caso, enquanto a totalidade das coisas constitui a substância do mundo e pode somente determinar uma forma e não alguma propriedade material. É a geração de propriedades

¹⁹ “Há, pois, relação estreita entre as duas tarefas principais que Wittgenstein se propôs no *Tractatus*, a investigação dos fundamentos da lógica, e a fixação do limite da linguagem, que é o propósito enfatizado em seu Prefácio ao *Tractatus*. A relação está em que a lógica abrange tudo que pode ser dito antecipadamente à experiência, tudo o que é *a priori*. A experiência só nos pode proporcionar um mundo de fatos, mas esse mundo flutua no espaço das possibilidades – que é dado *a priori*”. PEARS, David. *As Idéias de Wittgenstein*. CULTRIX: São Paulo, 1971, p. 86.

²⁰ TLP § 5.552.

materiais por configurações de objetos que constituem os fatos e é a totalidade dos fatos que determinam o que é o caso e também tudo o que não é o caso.

O ponto crucial aqui é, portanto, que a determinação do mundo pela totalidade dos fatos é independente de nosso conhecimento dele. Wittgenstein está preocupado em mostrar a estrutura do mundo e não a estrutura de nosso conhecimento. É o mundo em si mesmo, não nosso conhecimento dele, que *se resolve em fatos*. Para Wittgenstein, fatos não são itens em estoque no conhecimento humano. A teoria da linguagem de Wittgenstein é uma teoria de proposições e não uma teoria de nomes e, embora nomes sejam os átomos lógicos das proposições elementares, sua identificação epistemológica é uma matéria que não interessa para ele. Desde que proposições figurem fatos, segue-se que o mundo e a linguagem possuem uma estrutura paralela, ou seja, uma forma lógica comum.

Referências

DIAMOND, C. *The Realistic Spirit*. Massachusetts: The MIT Press, 1996.

DUMMETT, M. *Truth and Other Enigmas*. Cambridge Massachusetts: Harvard University Press, 1996.

FOGELIN, R. J. *Wittgenstein*. New York: Routledge, 2004.

GLOCK, H. *Dicionário Wittgenstein*. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

KENNY, A. *Introducción a Frege*. Madrid: Catedra, 1997.

PARK, B. *Phenomenological Aspects of Wittgenstein's Philosophy*. Netherlands: K.A. Publishers, 1998.

PEARS, D. *As idéias de Wittgenstein*. Trad. Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1971.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3.ed. São Paulo: EDUSP, 2001.